

A TRAJETÓRIA DO JECA: DE CAIPIRA À SUBVERSIVO

Autora: Emiliana Andréo da Silva

Instituição: Universidade de São Paulo

Introdução

O tema proposto para a realização da pesquisa deveu-se ao estagio realizado, ainda na graduação, junto ao PROIN – Projeto Integrado Arquivo do Estado de São Paulo/Universidade de São Paulo coordenado pela Prof^a Dr^a Maria Luiza Tucci Carneiro, de onde ainda sou integrante. Como projeto de iniciação científica¹ desenvolvido junto ao projeto, ative-me ao estudo dos camponeses perseguidos pela policia política paulista - o DEOPS. Agora no mestrado continuei a trabalhar com a documentação produzida e apreendida pelo DEOPS verificando as diversas imagens produzidas desse camponês ao longo do inicio do século XX.

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar a figura do homem do campo paulista na sociedade do inicio do século XX. O período escolhido para o meu estudo esta compreendido entre 1900-1954, período de transformações significativas para os camponeses e a questão do campo.

A pesquisa dispõe de dois momentos para caracterizar o homem do campo. O primeiro trata-se da construção do estereotipo do trabalhador rural realizado pela sociedade do inicio do século. Utiliza-se para isso de uma documentação produzida pela imprensa, como revistas, jornais, literatura e almanaques.

Num segundo momento, dispendo-se da documentação produzida pela polícia política paulista – DEOPS – passa-se a observar o homem do campo através da imagem construída pela policia e também é possível verificar as diversas formas de reação do camponês a sua situação miserável em que se encontra e sua forma de mobilização, através da documentação apreendida e anexada aos prontuários.

Assim, de posse dessas duas formas de documentação passo a analisar e observar os motivos que levaram o camponês a ser apresentado em um primeiro momento como preguiçoso, desinteressado e avesso ao trabalho, características bem retratadas na obra *Urupês*² de Monteiro Lobato, e a seguir como um individuo perigoso à Segurança Nacional e munido de elementos capazes de fazê-lo organizar-se e reivindicar seus direitos.

A seguir apresentarei o homem do campo visto através da documentação do DEOPS, em seguida como este era retratado pela sociedade da época e farei uma breve conclusão sobre as primeiras observações e análises sobre o meu estudo.

O DEOPS e o camponês

A documentação da policia política paulista – DEOPS encontra-se depositado junto ao Arquivo do Estado de São Paulo. Inicia-se em 1924 estendendo-se até 1983. Divide-se em quatro categorias: Prontuários, Dossiês, Ordem Política e Ordem Social. Para o meu estudo atendo-me a análise dos prontuários que são compostos em sua totalidade em cerca de 150.000. Destes concentro-me na análise dos lavradores, de suas associações, do Partido Comunista e de alguns prontuariados que tinham suas atividades políticas ligadas ao campo.

Os camponeses formam uma parte significativa dos prontuários. A grande maioria dos lavradores já pesquisados tratam-se, segundo informações da policia, de propagandistas do comunismo. Essa ideologia exercia muita influência nas atividades subversivas do campo. Muito material apreendido (panfletos, jornais, circulares) refere-se a luta dos camponeses por melhores condições de vida, por uma fração de terra e no sentido de unirem-se contra as forças de um governo opressor (Getulio Vargas).

Nesta documentação o homem do campo era visto como um individuo a ser monitorado de perto e sendo até considerado muitas vezes como perigoso à segurança nacional. Isso ocorria devido a maior parte da população brasileira estar enraizada no campo e deste dispunha todo o sustento e riquezas da nação. Assim não interessava nem ao latifundiário e nem ao governo que houvesse alguma movimentação reivindicatória no campo, pois uma greve de camponeses no período de colheita representava um grande prejuízo tanto para os fazendeiros como para as finanças da nação. Dessa forma ao sinal de movimentação suspeita nas fazendas os delegados das cidades do interior relatavam a situação ao DEOPS.

A denuncia sobre as condições vividas no campo era algo freqüente na documentação apreendida. Nesta é possível observar as condições de habitação, a inexistência de médico, remédios e vacinas, verificado em um artigo do jornal O Guatambu de 13/10/1946, onde o autor compara os camponeses ao gado, sendo o ultimo muito mais bem cuidado pelo fazendeiro que o primeiro, segundo o artigo:

“Qualquer bezerro por mais ordinário que seja é tratado com todo o cuidado, sendo vacinado contra todas as pestes, e as crianças, da mesma espécie animal dos fazendeiros, vivem morrendo atacados por todas as moléstias sem que ninguém se lembre de vacina-las.

Na fazenda dos ingleses da Gariroba por exemplo o curral é mais higiênico que as casas dos nossos patrícios e o gado de corte é mais uniforme e sadio que o gado humano, que vive coberto de molambos com os ossos à mostra.”³

Este artigo encontrado no jornal O Guatambu de Cosmorama (SP) fora apreendido pela policia política e apresenta de maneira simples as condições de sobrevivência impostas ao homem do campo. Este jornal é totalmente dedicado aos trabalhadores do campo e denuncia as condições de vida destes, além de possibilitar que os camponeses saibam o que esta acontecendo em outras partes do Estado ou até mesmo do Brasil em relação a questão do campo que é apresentado na Coluna da

Correspondência no Campo. Versos, moda viola e receitas da roça também são publicados neste jornal. Os versos de autoria de Zé Peão⁴ são particularmente interessantes pois retratam as condições de vida do homem do campo e convida o jovem fazendeiro à não temê-los e a unirem-se a fim de que as condições de vida do camponês melhorem e por conseqüência a produção da fazenda aumente, pois um trabalhador bem cuidado torna-se mais disposto ao trabalho e conseqüentemente produz mais, afirma ainda, que o trabalhador do campo “...é bom, é doente. E não preguiçoso”⁵.

O Partido Comunista do Brasil auxiliava os camponeses em sua organização promovendo a fundação de células comunistas nas fazendas, possibilitando uma propaganda mais intensiva entre os lavradores. Segundo relatório policial, nas fazendas eram realizados bailes que nada mais eram do que espaços para o partido cultivar suas idéias subversivas⁶. Um panfleto onde verificamos a presença do Partido Comunista como auxiliares nas lutas do campo denomina-se *Às Armas* onde o PCB conclama os trabalhadores rurais a pegarem em armas a fim de lutarem contra as injustiças cometidas pelos patrões e assim dividir as terras entre aqueles que nela desejam trabalhar⁷.

Na documentação produzida e apreendida pelo DEOPS é possível constatar a reação empreendida pelos fazendeiros a fim de calar as vozes dos oprimidos do campo. Verificamos isso em um abaixo assinado⁸ organizado pelo Prefeito de Chavantes (SP) e alguns fazendeiros, onde estes denunciavam as atividades da Aliança Nacional Libertadora, “mascara do comunismo” que estavam desorganizando os trabalhadores rurais nas fazendas e pediam providências por parte da Secretaria de Segurança Pública para acabar com o foco de subversão. Outra manifestação da elite agrária do Estado de São Paulo foi verificado em Taquaritinga (SP) onde de um avião fora lançado panfletos de cunho violento e intransigente onde o camponês estava fadado a ocupar “o seu lugar”, ou seja, o cabo da enxada. Utiliza-se de adjetivos pejorativos como grosseiro e ignorante para referir-se aos trabalhadores, pregando a não mistura entre pobres e elite⁹.

Em alguns dos panfletos encontramos iconografias que retratam as condições do camponês em relação à exploração sofrida. Estas imagens são inseridas nos documentos a fim de possibilitar a rápida compreensão dos textos ou contribuir para a população não alfabetizada, que no campo seria a maioria, no entendimento das idéias subversivas. No panfleto *Contra o “Vale e o “Barracão”* podemos verificar através do texto o descontentamento sofrido pelo camponês em ser obrigado a comprar seus produtos apenas no barracão da fazenda e utilizando-se para isso do vale como moeda, afirma ainda serem as mercadorias mais caras e de uma qualidade inferior. Como sugestão para resolver esta questão e ainda as péssimas condições de vida do camponês, o panfleto chama-os a organizarem-se em Ligas Camponesas. A iconografia desse panfleto expõe a situação do texto. Na parte superior do documento encontramos um camponês, retratado de chapéu de palha nas costas e enxada nos ombros dirigindo seu olhar para um papel em uma de suas mãos, o vale, e ao fundo uma

grande construção com alguns camponeses a porta representando o barracão. A união em torno da Liga Camponesa também é retratada em forma de imagem na parte inferior a esquerda do panfleto onde há alguns camponeses, homens e mulheres embaixo de uma faixa com os dizeres “ Liga Camponesa”¹⁰.

Outro exemplo de iconografia encontrada em panfletos anexados aos prontuários é o referente ao documento *Paz entre nós, Guerra aos senhores – Terra e Liberdade* onde a fim de retratar a exploração exercida pelo fazendeiro ao homem do campo encontramos a imagem de um indivíduo obeso de chapéu, charuto no canto da boca, chicote em uma das mãos, vestindo terno e com uma aparência ameaçadora, ocupando quase a totalidade do panfleto. Abaixo de suas pernas, no centro do documento encontramos um casal de camponeses cuidando de um pé de café, seus traços não são tão bem elaborados como o do homem que preenche o panfleto. Ao fundo temos plantações a perder de vista e ao lado dos camponeses vemos duas habitações simples¹¹.

Assim, através da documentação produzida e apreendida pela policia política paulista –DEOPS – podemos verificar o quão politizado encontra-se o homem do campo nas décadas de 1930, 1940 e 1950. Estes jornais e panfletos são uma pequena amostragem de como o camponês tinha consciência de suas dificuldades, sabia quem as produzia e tinha os argumentos para poder lutar, o Partido Comunista do Brasil era utilizado para contribuir em sua organização pois os lavradores sabiam o que necessitavam, para quem reivindicar e algumas vezes faltavam-lhe apenas a organização fornecida através da distribuição de panfletos e do conhecimento de que outros camponeses partilhavam de sua luta em outras regiões do Estado e do país.

O Jeca na sociedade

O Brasil era, no início do século XX, em grande parte agrícola. A elite que se encontrava no poder era constituída de grandes fazendeiros que direcionavam os rumos da sociedade brasileira e principalmente de sua economia em prol dos seus ideais e de seus lucros. Assim, a imprensa era o olhar urbano e da elite rural sobre os acontecimentos. O homem do campo por sua vez, era retratado na visão construída pela sociedade brasileira, onde o campo nada mais era do que um lugar remoto de onde os gêneros agrícolas eram produzidos.

Neste contexto será de onde aparecerá o homem do campo a ser analisado na imprensa do período. Para isso aterei-me a observação de imagens e textos extraídos de revistas e da literatura brasileira.

Iniciando-se pela literatura nos concentraremos nas obras de Monteiro Lobato¹², autor que criou o personagem Jeca Tatu, a quem denominava-o inicialmente como piolho da serra por realizar queimadas próximo a sua fazenda. Mas esta visão de fazendeiro de Lobato logo dará lugar a um

movimento de denúncia à sociedade das péssimas condições vividas no campo por aquele ser que de sol-a-sol trabalhava para o sustento da nação. Em suas obras Monteiro Lobato apresenta as condições precárias encontradas na roça, atendo-se a busca por melhores condições de vida para estes. Como tudo que Lobato fazia, mergulhou no universo camponês com o intuito de transformá-lo em homens vigorosos para o trabalho na terra. Para ele o homem do campo necessitava de melhores condições de vida, mais instrução, suas condições médico sanitárias deveriam ser priorizadas pelos governos e a partir daí iniciar uma instrução e modernização da utilização da terra, com melhores implementos agrícolas e técnicas mais eficientes de cultivo.

Urupês surge em livro em 1918, onde o homem do campo é retratado através do personagem Jeca Tatu, pessoa simples, trabalhador da roça, doente e despossuído dos seus direitos como cidadão. Inicia-se a partir do lançamento deste livro um debate sobre a situação do campo no Brasil. Ele tem um caráter de denúncia, chamando a responsabilidade àqueles que teriam possibilidade de reverter esta situação.

Lobato emprestou seu Jeca para que o Dr. Fontoura pudesse transmitir de maneira simples os resultados proporcionados pelo seu biotônico que instruíra o homem do campo e prometia cura-lo. Este almanaque era distribuído anualmente pelas farmácias, chegando até ao lavrador, sendo muitas vezes sua única leitura, já que além de possuir as fases da lua, os melhores momentos para a colheita e o plantio, a época de cada produto, contava também com informações sobre as doenças e a maneira de como preveni-las. Segundo Marlyse Meyer¹³ o almanaque do Biotônico Fontoura tinha a função de transformar o camponês, preguiçoso, triste e desinteressado em um homem forte e vigoroso, enfim apto para o trabalho.

Mas para o público o que foi evidenciado pela imprensa, nesta obra, foram os elementos negativos sobre o lavrador. Isso serviu para reforçar ainda mais o estereótipo do homem do campo. Como podemos observar a imprensa teve uma importante participação na construção da imagem do campo no Brasil. A população acaba compactuando com esta idéia já que as informações recebidas por ela provinham de revistas, jornais e o cinema. Estes meios de comunicação possibilitaram que houvesse o reforço constante desta imagem.

As revistas foram um agente de propagação do estereótipo do caipira, do Jeca Tatu. Em iconografias encontradas na revista *Careta* podemos observar os típicos traços que caracterizam o Jeca. Em uma imagem de 1930 denominada *Sempre Esperando*¹⁴ o personagem é chamado na legenda de jeca e este encontra-se de frente para uma mulher e embaixo de uma plataforma onde espera o bonde das promessas, ele aparece de chapéu de palha, com um lenço amarrado em seu pescoço e calçando botinas. Estas características são constantemente verificadas em imagens encontradas nesta revista.

Mas na revista *Careta* podemos observar também a presença de estereótipos relativos ao homem do campo em seus textos. Em uma crônica de 1918 denominado *Agricultura de Guerra*¹⁵, o autor identificado apenas por H., apresenta alguns motivos pelos quais o manifesto do dr. Vieira Souto, Delegado Executivo da Produção Nacional direcionado aos lavradores a fim de aumentarem suas produções não terá êxito. Segundo o autor o manifesto não surtirá efeito pois:

“(…) Primeiro é que os lavradores são analfabetos. O segundo é que os lavradores não sabem ler. O terceiro é que os jornais não circulam no campo. O quarto é que os roceiros não tem recursos de aumentar suas culturas.”

O autor constrói sua crítica baseado em que o governo desconhece a real situação do homem do campo, não se preocupando em instruí-lo verbalmente e de maneira simples como seria de rápido entendimento. Mas algo que este apresenta e faz questão em frisar é o analfabetismo do camponês, ele fez isso a fim de mostrar as falhas do governo não se preocupando com as condições de vida do trabalhador rural, mas esqueceu de que estaria assim reforçando ainda mais a idéia de que o camponês nada mais é do que um ser rústico apto apenas para trabalhar e não para pensar.

Assim, acima apresentei apenas uma pequena amostra de como a imprensa contribuiu para perpetuar a idéia do homem do campo como um caipira ou um Jeca Tatu. Idéia essa que perpetua até nossos dias, com algumas modificações mais a essência ainda persiste.

Conclusões

Analisando ambas as documentações passei a observar alguns aspectos relevantes sobre a pesquisa, como a construção ao longo do tempo do estereotipo do homem do campo, a sua ambivalência em relação à documentação apreendida pela policia política (seus jornais e panfletos), as diferenças existentes entre as iconografias encontradas nas revistas e as inseridas nos jornais e panfletos subversivos. Neste caso o camponês é retratado da mesma maneira, chapéu de palha, botina e cigarro de palha no canto da boca, mas a inserção da imagem no contexto é completamente avesso pois nas revistas o intuito de retrata-lo dessa maneira é para provocar o riso, já nos documentos apreendidos é para instruí-lo e melhor identificar-se pois ele também foi atingido pela construção das características negativas criadas para retrata-lo.

Com o passar dos anos a idéia do camponês ser identificado com o Jeca Tatu acaba por dominar os pensamentos mas não podemos esquecer e devemos lembrar constantemente daqueles lavradores que com poucos recursos, tanto econômicos quanto culturais lutaram, sendo presos e sofrendo violências, para que o trabalhador rural começasse a conquistar os seus direitos como cidadão que é, pois quem trabalha para o sustento da nação sempre foram os excluídos de direitos, aqueles que não devem misturar-se com a elite, segundo aquele panfleto lançado por avião¹⁶.

A fim de complementar a documentação referente a imprensa, faz parte do projeto de mestrado analisar alguns almanaques como o do biotônico Fontoura, verificar a presença do estereotipo do camponês nos jornais de circulação como A Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo entre os anos de 1910 e 1930, utilizar também de filmes como os produzidos por Amacio Mazzaropi e da musica de raiz onde o cotidiano do camponês é retratado com frequência.

Outro ponto a ser abordado ao longo da pesquisa será a utilização das artes plásticas como forma de alguns intelectuais denunciarem a lamentável situação do camponês, faço uso aqui das obras de Cândido Portinari. Assim, procurarei até o final da pesquisa traçar a imagem construída sobre o homem do campo e resgatar o viés subversivo e batalhador dos habitantes do campo.

Notas

¹ Em conseqüência dos estudos de minha iniciação científica resultou-se o inventário: SILVA, Emiliana Andréo da. *O Despertar do Campo lutas camponesas no Interior do Estado de São Paulo. (Inventário DEOPS. Módulo VIII – Geopolítica do Controle/Maria Luiza Tucci Carneiro, organizadora)*. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2003.

² LOBATO, Monteiro, *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

³ Os bois e os lavradores. In: *O Guatambú*, Cosmorama, 13/10/1946, p. 3. Pront. 6585, Associação Agropecuária de São José do Rio Preto. DEOPS/SP, DAESP

⁴ Nossa mão esta estendida, poesia de Zé Peão. In: *O Guatambú*, Cosmorama, 13/10/1946, p. 4. Pront. 6585, Associação Agropecuária de São José do Rio Preto. DEOPS/SP, DAESP

⁵ Nossa mão esta estendida, poesia de Zé Peão. In: *O Guatambú*, Cosmorama, 13/10/1946, p. 4. Pront. 6585, Associação Agropecuária de São José do Rio Preto. DEOPS/SP, DAESP

⁶ Relatório (copia). Delegacia de Policia de São José do Rio Preto. Pront. 73257, Liga Camponesa, DEOPS/SP, DAESP

⁷ Panfleto As Armas. Partido Comunista, fl. 3. Pront. 3491, Mariano Silva. DEOPS/SP, DAESP.

⁸ Abaixo-assinado de Julio Francisco Peres da Silva, Prefeito Municipal, e fazendeiros para o Secretario de Segurança Publica. Chavantes, 03/06/1935, fl. 4. Pront. 340, Delegacia de Policia de Chavantes, DEOPS/SP, DAESP

⁹ Panfleto O que precisa é compreender, 02/11/1947. Pront. 13544, Delegacia de Policia de Taquaritinga. DEOPS/SP, DAESP

¹⁰ Panfleto Contra o Vale e o Barracão. Pront. 6585, Associação Agropecuária de São Jose do Rio Preto. DEOPS/SP, DAESP

¹¹ Panfleto Paz entre nós, guerra aos senhores – Terra e Liberdade. Pront. 555, Delegacia de Policia de Cruzeiro, vol. II. DEOPS/SP, DAESP.

¹² LOBATO, Monteiro, *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1976; LOBATO, Monteiro, *Idéias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1972; LOBATO, Monteiro, *A Onda Verde*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

¹³ MEYER, Marlyse (Org.), *Do Almanak aos almanaques*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

¹⁴ Sempre Esperando. Revista Careta, Rio de Janeiro, 04/01/1930. Biblioteca Nacional/RJ.

¹⁵ Agricultura de Guerra. Revista Careta, Rio de Janeiro, 26/01/1918. Biblioteca Nacional/RJ

¹⁶ Panfleto O que precisa é compreender, 02/11/1947. Pront. 13544, Delegacia de Policia de Taquaritinga. DEOPS/SP, DAESP